# A experiência de Deus nos sapienciais

## *A valorização do cotidiano*

### I. QUE TEM A VER O FAZER DA VIDA COM A EXPERIÊNCIA DE DEUS?

É inquietante aos cristãos de hoje a relação ciência/fé, em outras palavras, vida diária/espiritualidade, conhecimento/mistério. Conseqüências desastrosas advieram da separação pura e simples de ambas as coisas, ou da união sem diferenciação destes dois campos em tensão na existência humana. Por um lado se diz ainda: "A fé não combina com a ciência", tornando a fé uma prática de ignorantes. Por outro se defende a equivalência da fé e ciência, sacralizando o conhecimento e suprimindo o mistério na prática da vida.

A Sabedoria bíblica presta-se ao aprofundamento deste assunto por sua forma, preocupações e história. Ela intensificou-se num momento de exaustão dos grandes temas que sustentaram a vida do povo israelita no pó-exílio. O Deus da história, os oráculos proféticos, o culto e seus ritos, a própria Lei mostravam uma lacuna enorme: a pergunta pelo humano e o seu valor no mundo. Falou-se muito de Deus. Onde ficou o humano? Que participação e responsabilidades tinha este diante dos fatos e do cotidiano? Como viver diante das novas circunstâncias criadas pelo aparecimento das culturas babilônica, medo-persa, helênica, dos novos conhecimentos advindos destes povos, da visão mais universalista e racionalizada que tinham sobre a vida e a religião? Neste tempo descobriu-se que o fazer da vida contribuía para a aquisição da felicidade e para a transformação da relação com o divino; descobriu-se, de forma mais vigorosa, o humano como sujeito, também de atos salvíficos através de suas experiências e conhecimentos.

Experiências – da construção de um vaso de barro a um computador – são mais que trabalho; são buscas de sentido para a vida e esforços no caminho da humanização. A ciência, originária da curiosidade e da necessidade humana, é fonte de afirmação do ser humano no mundo. Ela é a repetição de experimentos transformada em conhecimento. No encontro experimental e conhecedor do ser humano com as coisas, com os seres e com o mistério, os humanos superam suas carências

e respondem suas indagações a respeito da vida mesma. Este é o achado dos sábios em todos os tempos e lugares e que na Bíblia tornou-se grande impulso de recriação da vida do povo no tempo pós-exílico.

Como a experiência da vida toca o desconhecido, tange e persegue o sentido verdadeiro da existência, que dizer então das descobertas e afirmações científicas, hoje em nível mais avançado que nunca, pondo em questão o que até aqui era tido como verdadeiro e seguro? Que dizer também das ambigüidades contidas nestes saberes de todos os tempos, por um lado gerando vida, por outro espalhando a morte; possibilitando justiça e injustiça, esperança e fatalidade?

"A cada roca o seu fuso, e a cada lugar o seu uso". A cada tempo e lugar o conhecimento se altera; os humanos conquistam novas visões de si, da vida, do mistério. E assim cada cultura, grupo ou pessoa vê-se às voltas com o fazer da vida, esta tensão entre o ser e o vir-a-ser, o conhecido e o misterioso. No tabuleiro do mundo, como num jogo, os sujeitos – humano e divino – brincam, impondo um ao outro novas relações. Ao fim, busca-se a vitória da vida. Ambos querem a felicidade.

## II. O FAZER DA VIDA TORNA HUMANA A VIDA DOS HUMANOS

Viver é ato constante de salvação, isto é, de superação de limites; de conquista do lugar do ser no mundo. Tal ação se faz pelo trabalho, uma mistura de reflexão e ação, cuja motivação é a pergunta pelo que "sou" no mundo. No trabalho a vida é projetada e construída, com seus limites e possibilidades.

A sabedoria é o conhecimento acumulado no ato mesmo de fazer a vida. "Ama sua, ama qhella, ama llulla" ou "Jan lunthatamti, jan jayramti, jan K'arimti" (não sejas ladrão, não sejas preguiçoso, não sejas mentiroso") é resultante da acumulação das experiências comunitárias aymara-quéchua nas condições de vida do semideserto andino. "Eu me amo", jargão atual da juventude brasileira, suscita e reivindica a auto-estima dentro da sociedade tecnológica moderna, sociedade esta massificante e dispersiva.

Cada grupo humano, por mais segregado que seja, possui uma "Visão universal das coisas".[1] Dali ele parte para o experimento do outro (coisa, ser). Verifica-se que o existir possui semelhanças e diferenças. As primeiras no âmbito da percepção dos fenômenos naturais, do ambiental, do fisiológico e das coisas. As diferenças, ao nível do cultural. "Água mole em pedra dura, tanto bate até que fura" é saber universal; experiência que pode se repetir em todos os recantos com o mesmo resultado e mesmo conhecimento. As vivências, por seu lado, são mutantes, adaptáveis. Os saberes, portanto, podem ser trocados, superpostos, substituídos ao aparecer no campo da visão descoberta de maior alcance: "De pedra grande o rio corta volta". Em torno da nova descoberta forma-se uma nova comunhão, fecunda como se a vida fosse de novo descoberta. Alcança-se com isso uma nova vitória sobre a anomia.

As relações com novos sujeitos desinstalam os grupos. E não é tarefa simples abrir-se a novas visões, superando convicções próprias e longamente

1. VON RAD, Gerhard. *Teologia do Antigo Testamento*. ASTE, São Paulo, 1973, vol. I, 394s, fala de uma "ordem subjacente a todas as coisas. A sabedoria procura captar esta ordem. Porém ela estabelece-se a partir do próprio grupo humano. É a visão particular desta ordem que propicia ao grupo sua identidade e organização.

acondicionadas no baú das experiências. A sabedoria, esse apropriar-se da vida, presente em todos os cantos e povos, aponta para este desafio do "outro" que, por si, impulsiona para a verdade e a partir de si também abre caminho para a felicidade. Resta ao interlocutor a tarefa de ouvir, discipularmente, os saberes de todos, até mesmo dos "tolos". Estes saberes, oriundos de sujeitos situados em posições diferentes diante da existência, ao serem trocados, vivificam uns e outros, alcançando cada um maior compreensão e poder de si mesmos.

## III. A VIDA CELEBRADA

Há distância considerável entre os saberes de um grupo e o que destes saberes é condicionado em manuais. Os primeiros se mesclam do que é socialmente aceito e do preconceituoso, do parcializado. Tome-se como exemplo o que vai de sexismo e racismo nas frases feitas do dia-a-dia das pessoas; veja-se o fraseado dos pára-choques dos caminhões. O que vai pelos manuais é o assumido socialmente e retido para a instrução. Contudo, ambas as fontes tornam-se fundamentais para se verificar como o grupo se coloca diante da vida no mundo.

Em Israel, como em todos os povos, os saberes populares são afirmações de conquistas humanas nos mais variados setores e situações da existência. Na tenda ou palácio, nas oficinas e roças, dos grupos integrados ou marginais, brotam experiências que, por serem válidas – não importa se parcializadas –, passam para o acervo de "ferramentas" do discurso e da prática que possibilitam superar situações difíceis diariamente enfrentadas. Um saber é uma arma de defesa; assim se expressa o dito popular: "Quem sabe é senhor dos que não sabem". Os saberes lidam com o viver, morrer, adoecer, envelhecer, negociar, relacionar-se física e socialmente, com tipificações humanas (preguiçoso, bêbado, rico, pobre...), experiências com as coisas (espinho, pedra, água, mel, animais...) e com o próprio conhecimento (Jó 28,1-11). Neles a vida vai-se revelando.

O que é experienciado provoca o ser humano à vida. Como um brinquedo colocado diante das crianças; elas, levadas pela curiosidade, tocam-no, põem-no a funcionar, desmontam-no, adquirem o conhecimento ao desvendar-lhe o mistério. O saber tem origem na curiosidade e o final no prazer. A experiência do desvendamento, chegando ao ápice do achado, motiva a repetição, que é uma forma de celebração de vitória. É a celebração da vitória que serve de referencial para experiências posteriores.

Pode-se chamar ao interesse pelo desvendamento de "Carisma"[2], do qual todos os humanos são dotados. Ele é a motivação da vivência. No experimento das coisas e seres acontece a relação *Provocação-Investigação-Encontro ou Visão-Celebração*. E somente neste sentido a sabedoria torna-se religiosa em seu sentimento amplo de re-ligar à vida. Nesta, o outro – Martin Buber fala das relações Eu-Tu e Eu-Isso; relações entre sujeitos na primeira, e entre sujeito e objeto na segunda –[3], é o convite à vitória sobre a morte.

2. VON RAD, G., *op. cit.*, 414.

3. BUBER, Martin. *Eu e Tu.* Cortez e Morais Editora, São Paulo, 1976. O autor fala de humanização na primeira relação e de coisificação na segunda; que as coisas podem ser transformadas em sujeitos e os sujeitos em coisas em relações pervertidas, desumanizadoras. Que as coisas sejam importantes para a vida tem-se por seguro; transformá-las em sujeitos é rebaixar o humano em sua posição.

A sabedoria vai, pois, além da religião organizada. Ela enraíza-se no mundo e nas coisas nele contidas; no humano e seus relacionamentos. "Achaste mel, come o suficiente, para que não fiques enjoado e vomites" (Pr 25,16). Comer/enjoar-se/vomitar; relação fartura/miséria. É bom manter equilíbrio para que o prazer não se transforme em frustração. Não se põe aqui uma norma ou tabu, como acontece na religião, mas se fixa um sinal à beira da estrada da vida para os que por ela transitam; ponderá-lo é o que se requer. Aprende-se a viver com estes sinais[4], mesmo que outros descobrimentos lhe sejam completamente opostos – veja-se Pr 26,4-5 – o que não lhe impede a veracidade. As circunstâncias da vida indicarão onde se utilizar de um ou outro. Uma nova relação exigirá nova descoberta, nova celebração. Assim como o outro e o mundo se deixam conhecer pelos saberes deles obtidos nos experimentos, até mesmo o divino torna-se também experienciável; ele encontra-se com o humano no ato mesmo da busca do conhecimento. A sabedoria, portanto, é fonte de revigoração da própria religião quando provoca o humano a inserir-se no mundo e "dominá-lo" (Gn 1,26). Ela apela à posse da vida no mundo.

## IV. QUANDO O OUTRO ENCONTRADO É O DIVINO

O conhecimento, mais que tornar o humano sujeito de sua existência no mundo, coloca-o face-a-face com o mistério. A pergunta pela vida e suas circunstâncias esbarra no inefável. A peleja de Jó com seus interlocutores, partindo do caos da vida, chega ao divino e às compreensões que dele têm os grupos. Qohelet reconhece o próprio saber como "dádiva divina" (Ecl 2,26). E o proverbialista insiste que o "saber viver" – a sabedoria – Yahweh mesmo a espalhou no mundo: "Feliz a pessoa que encontra a sabedoria" (Pr 3,13-20). Ela é o limiar do inefável. Daí para diante prevalece a adoração, pois o mistério sobrevive ao conhecimento; "fim das palavras de Jó" (Jó 31,40). É onde o conhecimento finda que o mistério se descortina, desafiadoramente.

Nos escritos de sabedoria contido na Bíblia, Jó é o que mais se empenha pela relação com o divino. O conhecimento acerca dele é levado à exaustão. Contudo, é a presença de Deus no mundo que mais provoca o diálogo com os interlocutores e com as criaturas. Na historieta dos dois primeiros capítulos (Jó 1–2) põe-se de imediato a vida em questão: vida-morte; felicidade-infortúnio, o conhecido e o misterioso, Elohim e os humanos em relação dentro do mundo.

Elohim está distante, rodeado de sua assessoria celeste, em assembléia. Ali, os humanos não têm acesso, a não ser indiretamente pelos defensores/acusadores, como indiciados. Nesta assembléia são definidos os bens e males que alcançam os humanos, e o dia-a-dia destes últimos torna-se infernizado por circunstâncias históricas (sabeus, caldeus...), climáticas (fogo, vento...), relacionais (amigos, filhos, mulher, servos...), físicas (pústulas, coceiras...) e psíquicas (acomodação, revolta...). A vida expõe um humano diante do seu conhecimento, dos outros, das coisas e, conseqüentemente, de Deus.

O debate é instalado "cá embaixo". É aqui, no mundo, que se conquista ou perde a vida. Aqui o desamparado luta por reaver a felicidade perdida com sua ciência, trabalho, relações. Chega-se ao limite onde só resta o mistério que apavora e atrai. Topa-se com Deus mesmo: "O Senhor o deu, o Senhor o tirou" (Jó 1,21c).

4. HERDER, J.G., in Gerhard VON RAD, *op. cit.*, 397.

Gastado o possível do humano, fala o mistério (Jó 38,1–40,1), não mais distante, abstrato, mas de dentro das coisas e envolvido com os seres. Ele fala, reivindicando nova relação, novos saberes. Terra, água, animais, luz, seres humanos... todos se transformam quando se topa com o divino. Eles se tornam portões através dos quais se pode sempre e de novo relacionar-se com o mistério. Diz Heschel: "Há três pontos de partida para a contemplação de Deus... A primeira é o caminho do sentimento da presença de Deus no mundo, nas coisas; a segunda é o caminho do sentimento de sua presença na Bíblia; a terceira é o caminho do sentimento de sua presença nos atos sagrados".[5] Para o sábio o primeiro caminho é primordial. O saber é a porta para a adoração. "Só conhecia-te de ouvido, mas agora viram-te meus olhos... por isso me penitencio" (Jó 42,5-6).

Deus, cujo prazer é ocultar o saber viver – e ocultar-se também – nas coisas, torna-se ele mesmo um desafio. A cada descoberta um novo encontro, nova celebração. O saber completa-se na contemplação e no êxtase da presença do outro. A relação torna-se gozo quando intensificada pelo conhecimento da vida. Aprende-se com ela a temer.

Temer a Deus é espreitá-lo para além dos limites do já conhecido. O temor é movido pela curiosidade, relação, conhecimento e êxtase. Temor é "reverência ao que é conhecido"[6] e não o medo ao desconhecido. O temor não é posse; é relação. Sujeitos empenhados em alcançar a harmonia e a felicidade na vida caminham um para o outro no cotidiano do mundo. Ao encontrarem-se, revelam-se; criam o companheirismo. Achado o amigo, de quem não se tem necessidade de fugir, supera-se o fracasso e novamente se toma posse da existência. A alegria é restabelecida ali onde o humano, amante e amado, descobre-se conhecido e conhecedor. O saber torna-o sujeito de si para a relação com o outro.

Que existam outros caminhos para a relação entre Deus e os humanos é seguro para os sábios. Contudo, é o mundo e o dia-a-dia do viver que se constitui na matéria-prima de seu saber. Nas questões levantadas pela existência é que o humano testa-se, atua, adquire sua dignidade de sujeito no mundo. Um sujeito, somente como tal, pode relacionar-se com os outros sujeitos sem se coisificar. E, inserido no mundo e nas coisas, conhecendo-as, expondo-as à relação com os outros sujeitos, abre-se à vida. A ciência adquire aí o seu verdadeiro sentido: levar à felicidade.

*Western Clay Peixoto*
Rua Pedro Trogo, 360, c/2
Juiz de Fora – MG
36071-410

Prov. do Paraná e Sta. Catarina
BIBLIOTECA CENTRAL
FREIS CAPUCHINHOS

5. HESCHEL, A.J. *Deus em Busca do Homem.* Edições Paulinas, São Paulo, 1975, 46.
6. HESCHEL, A.J., *op. cit.,* 101s.